

FACULDADE DO MÉDIO PARNAÍBA – FAMEP
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO COMENIUS – ISEC
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA SÓCIO-CULTURAL

LIDIANE DA SILVA REGO

**ALÉM DOS JOELHOS NO CHÃO: atuação feminina na Igreja Evangélica
Assembleia de Deus Ministério Missão em Teresina – PI (2000 – 2010)**

TERESINA

2018

LIDIANE DA SILVA REGO

**ALÉM DOS JOELHOS NO CHÃO: atuação feminina na Igreja Evangélica
Assembleia de Deus Ministério Missão em Teresina – PI (2000 – 2010)**

Artigo apresentado à banca examinadora do programa de pós-graduação em História da Faculdade do Médio Parnaíba – FAMEP, como requisito para obtenção do título de especialista em História Sócio Cultural. Orientadora: Me. Andreia Rodrigues de Andrade.

TERESINA

2018

LIDIANE DA SILVA REGO

**ALÉM DOS JOELHOS NO CHÃO: atuação feminina na Igreja Evangélica
Assembleia de Deus Ministério Missão em Teresina – PI (2000 – 2010)**

Artigo apresentado à banca examinadora do programa de pós-graduação em História da Faculdade do Médio Parnaíba – FAMEP, como requisito para obtenção do título de especialista em História Sócio Cultural.

Data da aprovação: 29 de Junho de 2018

BANCA EXAMINADORA

Profa. Msc. Andreia Rodrigues de Andrade
Orientadora

Profa. Esp. Noádia da Costa Lima
Examinadora

Profa. Msc. Charlene Veras de Araújo
Examinadora

TERESINA
2018

ALÉM DOS JOELHOS NO CHÃO: atuação feminina na Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério Missão em Teresina – PI (2000 – 2010)

Lidiane da Silva Rego¹

RESUMO

O presente artigo reflete sobre as singularidades da atuação feminina no interior da Igreja Evangélica Assembleia de Deus ministério Missão, assim como as estratégias de fundação, organização e institucionalização da referida Igreja em Teresina - Piauí. Indagamos-nos quais discursos, lugares de gênero e possibilidades de atuação das mulheres, nas vivências entre 2000 a 2010, período que representa a consolidação da Igreja na Capital piauiense. Analisamos suas características a partir do diálogo entre autores confessionais, teóricos da História Cultural, História das Mulheres e das Religiões articulados a categoria gênero, bem como entrevistas a mulheres membros desta denominação, Irandy Melo, Carla Andreia Guimarães e Ana Cristina Oliveira e, o pastor Antonio Freitas Melo, através da metodologia de História Oral. Importa salientarmos que enfrentamos resistências quanto às entrevistas, devido à indisponibilidade de algumas mulheres, assim como o acesso a fontes internas da referida igreja.

Palavras - chave: Mulheres. Assembleia de Deus. Gênero.

1 INTRODUÇÃO

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) nas principais expressões religiosas do Brasil, – Catolicismo, Protestantismo e Umbanda as mulheres correspondem a mais da metade do número de membros. No entanto, há ainda uma discrepância quanto às produções historiográficas em torno das mesmas, evidenciando assim uma exclusão do discurso histórico.

O interesse por estudar as peculiaridades femininas no campo religioso pentecostal nos acompanha desde a graduação em História. Ao nos depararmos com as ricas possibilidades de abordagens históricas proporcionadas pela História Cultural e História das Religiões articuladas a categoria de gênero, empreendemos ainda na graduação tal projeto com a seguinte monografia: *Atuação Feminina na*

¹ Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI); Pós-graduada em História Sócio-Cultural pela Faculdade do Médio Parnaíba (FAMEP).

Assembleia de Deus Ministério Missão de Teresina – PI entre os anos 2000 a 2010 (UESPI, 2018).

No tocante a historiografia local encontramos também em nossas pesquisas a monografia *O sacerdócio feminino na Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério Madureira em Teresina – PI (2000-2010)*, de Valdemar Gomes de Sousa (UESPI, 2013) que nos foi de valiosa contribuição para abordarmos o tema. No entanto, trata-se de outro ministério da Assembleia de Deus onde já é possível o ordenamento de mulheres a cargos oficiais, como pastora. No ministério Missão não há tal abertura, como veremos a seguir.

A escolha desta denominação justifica-se pela sua expansão territorial e o grande número de fiéis, além de contar com a atuação feminina em várias esferas. A fim de contribuir para a análise das relações de gênero e produções historiográficas no tocante a História das Religiões, pretendo compreender até que ponto a igreja supracitada sedimenta costumes no universo feminino, além de observar espaços de participação e exclusão destas.

2 HISTÓRIA E RELIGIÃO: TRAJETÓRIAS HISTORIOGRÁFICAS

A revista dos *Annales*, “fundada para promover uma nova espécie de história” (BURKE, 1991, p.7), em 1929 pelos historiadores March Bloch e Lucien Febvre, ícones da primeira geração, deu ensejo à desconstrução teórica do caráter positivista da história, voltada exclusivamente a política estatal, com ênfase em arquivos oficiais como fontes e, na passividade do historiador como mero narrador do passado, a uma história-problema e interdisciplinar.

Embora o legado dos *Annales* trouxesse para o debate teórico indiscutível contribuição, é importante assinalar que o privilegio dado ao econômico e social, a ênfase no método quantitativo e determinista de suas concepções, foi alvo de críticas e reivindicações de novos métodos históricos, a partir da década de 1970 com a chamada crise dos paradigmas. Como salientamos, é ainda nos *Annales* o gênese das inovações historiográficas, não resultando, portanto em uma ruptura completa.

Nesse contexto, a história sofre consideráveis rupturas epistemológicas, possibilitando sua ampliação de análise, novas fontes e norteamento do trabalho do historiador. É com a incorporação da História Cultural na historiografia,

correspondente hoje a quase totalidade de produções historiográficas no Brasil, que se possibilitou a descentralização dos sujeitos históricos, reorientando os discursos, fontes e métodos. Motivos pelos quais a elegemos como fundamentação teórica de nosso estudo. Segundo a concepção de Pesavento (2004, p.8), a História Cultural pode ser definida:

Se a História Cultural é chamada de Nova História Cultural, como o faz Lynn Hunt, é porque está dando a ver uma nova forma de trabalhar a cultura. Não se trata de fazer uma História do Pensamento ou de uma História Intelectual, ou ainda mesmo de pensar uma História da Cultura nos velhos moldes, a estudar as grandes correntes de ideias e seus nomes mais expressivos. Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.

A cultura é sustentáculo principal dessa Nova História. Entendida por Pesavento (2004, p.8) como:

a forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, admite-se que os sentidos conferidos, às palavras, às coisas e aos atores sociais se apresentem de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa.

A reorientação do enfoque histórico pela História Cultural substituiu as modalidades tradicionais da pesquisa histórica, possibilitou ao historiador a subjetividade diante das fontes, a singularidade das experiências, e a descoberta da “história de gente sem história” (MATOS, 1997, p.279). A ampliação dos campos historiográficos provocados por essas inquietações metodológicas e mudanças estruturais nessa nova forma de ver e fazer a História possibilitou também à insurgência da História das Religiões.

Na medida em que a Sociologia, ciência que se estrutura no final do século XIX, estabelece como objetos de estudos o social e a sociedade, a religião passar a ser um de seus elementos privilegiados de análise. Pode-se dizer face às influências do sociólogo Emile Durkheim, que a sociologia nasce estreitamente ligada ao fenômeno religioso. (MATA, 2010, p.66)

Em *As formas elementares da vida religiosa* (1912), um dos clássicos da sociologia de Emile Durkheim, a religião residiria na dimensão social, como fator de estabilidade humana. No entanto, a ideia de uma sociedade modelo e imutável, imune às transformações da vida em sociedade, portanto imune à história e ao tempo constituem-se as ressalvas em torno de sua obra. (HERMANN, 1997, p. 331)

A relação entre sociologia e religião, assim como a distinção entre sociologia e história, se consolidaria com a produção intelectual de Max Weber. É na sistematização de conceitos que Weber contribui para lançar as estruturas de uma História das Religiões.

A primeira teria por objetivo a construção de “conceitos-tipo”, propondo-se a encontrar as regras gerais dos fenômenos sociais, ao contrário da segunda, cuja preocupação seria a análise e a explicação causal de estruturas e ações individuais, consideradas culturalmente importantes. (HERMANN, 1997, p.332).

É atribuído à criação do termo “ciência da religião” a Friedrich Max Muller, na segunda metade do século XIX. Dizia ele: “todo conhecimento superior é adquirido pela comparação, baseia-se na comparação.” (MULLER, 1873 apud MATA, 2010).

Para Muller (1873), era necessário aplicar o método comparativo para que se concebesse cientificidade ao termo religião. Nesse sentido, Max Muller é considerado o pioneiro da História das Religiões.

Na medida em que as estruturas sociais se tornam mais diferenciadas a História das Religiões vai estabelecendo seu lugar, métodos e objetos próprios de pesquisa. No Brasil, o Protestantismo, um dos responsáveis pela dessacralização da religião no século XVI tem atraído cada vez mais o olhar de historiadores a sua temática, constituindo assim um rico campo historiográfico e um desafio à própria historiografia.

Basta observarmos a quantidade de evangélicos na política nacional, sua expansão territorial, a variedade de denominações e seu lucrativo mercado gospel, para constatarmos que já não é mais possível compreender o Brasil atual sem perceber suas influências. No entanto, até a década de 1960 as produções historiográficas são voltadas para a história eclesiástica, centrada em lideranças, essencialmente masculinas. Torna-se essencial romper os muros entre o acadêmico e o eclesiástico.

Consolidam-se nesse cenário as denominações evangélicas tradicionais: Batista, Metodista, Presbiteriana e Luterana e, no cenário pentecostal a Congregação Cristã do Brasil e a Assembleia de Deus. Nesse contexto, o Protestantismo é também para nós o objeto de pesquisa a ser explorado a partir da análise da atuação feminina na Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério

Missão em Teresina, assim como suas estratégias de fundação, organização e desenvolvimento na Capital piauiense.

3 ASSEMBLEIA DE DEUS: ORIGEM E CONTEXTO HISTÓRICO

Pentecostalismo deriva da palavra Pentecostal, que se por sua vez deriva de pentecostes. É ação do Espírito Santo por meios de dons espirituais, dentre ele o mais característico: a glossolalia, o dom de falar em línguas estranhas.

Legitima-se esse movimento através do texto bíblico presente em Atos dos Apóstolos, capítulo dois (ALMEIDA, 1995) e tem no *Avivamento da Rua Azusa*, nº 312, Los Angeles, em 1906 um de seus maiores marcos no século XX.

“No ano de 1911, a história repetiu-se na cidade de Belém”. (CONDE, 2011, pag. 39), palavras do “porta-voz” oficial da Assembleia de Deus, autor do livro *História das Assembleias de Deus no Brasil* (2011), confessional, mas não menos importante para compreendermos o processo de inserção da mensagem pentecostal em solo brasileiro. Neste movimento há uma forte ênfase no subjetivismo emocional, o que nos levar a concluir que é um dos principais atrativos para a Assembleia de Deus ser a maior igreja pentecostal do Brasil. (IBGE, 2010).

Em 19 de novembro de 1910 chegam ao Brasil seus fundadores: Daniel Berg e Gunnar Vingren. Suecos, vinham de uma igreja da Filadélfia, em Estocolmo, capital da Suécia. Conheceram-se e abraçaram a causa pentecostal após uma convenção de batistas em Chicago. Vingren, já era pastor batista. Sobre o episódio Berg (2011) relata:

Certo dia, o dono da casa onde Gunnar Vingren se hospedava recebeu de Deus uma revelação e profetizou para nós que iríamos para o Pará. Esse nome é era uma orientação para nós, apesar de nunca o termos ouvido antes (...) da nossa parte reconhecemos essas palavras como resposta de Deus as nossas orações, pois estávamos pedindo direção a Deus. (BERG, 2011, p.34)

Os missionários suecos recém-chegados ao Brasil congregaram-se alguns meses numa Igreja Batista tradicional, saída que tão logo ocorreria. Acreditando no propósito divino para o qual se sentiam designados, começaram a pregar a fé ousada, o batismo com o Espírito Santo, o poder, e assim espalhar as *chamas*

pentecostais, chamando a atenção dos demais membros e principalmente das lideranças evangélicas locais.

Uniram-se a eles mais dezessete membros, que aceitaram a mensagem exposta e em seguida cindiram a igreja supracitada do qual faziam parte, fundando em 18 de junho de 1911, na Rua Siqueira Mendes, a *Confissão de fé apostólica*, nome que se altera posteriormente para Assembleia de Deus.

Importa fazermos uma objeção quanto à supremacia dada a Assembleia de Deus como pioneira do movimento pentecostal do Brasil. Em 1910, portanto um ano antes de fundação, temos no Brasil a fundação da Congregação Cristã do Brasil (CCB), também de origem também pentecostal.

No entanto, é a partir desse grupo assembleiano que a mensagem pentecostal se fortalece. Iniciada com a chegada dos suecos ao solo brasileiro acompanha as migrações nordestinas e se consolida nos espaços urbanos. Atribuindo, hoje, a Assembleia de Deus o *status* de maior denominação evangélica do Brasil, somando segundo o censo demográfico de 2010, 12.314.410 de membros.²

A Assembleia de Deus, embora tratemos no singular, não se trata de uma igreja homogeneia. As fragmentações internas ocorrem logo no início de sua consolidação, na década de 1940, com a cisão que dividiu a Igreja em dois ministérios: “Missão” e “Madureira”. Para finalidade de nosso trabalho nos limitaremos ao ministério Missão, mais precisamente sua consolidação em Teresina.

4 ASSEMBLEIA DE DEUS EM TERESINA: UMA IGREJA EDIFICADA

Os primeiros passos para a fundação, organização e desenvolvimento da Igreja no Piauí iniciaram-se após a determinação da Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB), sediada em Belém-PA, onde também estava – e permanece –

a Igreja-mãe, para vir ao Piauí os dois missionários José Bezerra Cavalcante e Alfredo Carneiro para dirigem a Igreja local (NETO, 2012, p.96).

No processo embrionário de fundação da referida Igreja no Estado, Piri-piri é a primeira cidade piauiense a receber a mensagem pentecostal em 1914. Somente em

² Disponível em www.ibge.go.br/estadosat/temas.php?sigla=censodemog2010_relig. Acessado em 12 de junho de 2017.

1927 que Teresina, a Capital piauiense, conta com a presença de um missionário pentecostal, Raimundo Prudente de Almeida, processo simultâneo ao que ocorre no resto do Brasil. (CONDE, 2011, p.104).

Inicialmente denominada de *Sociedade Evangélica*, a Assembleia de Deus é oficialmente fundada em Teresina no ano de 1936, na Rua Olavo de Bilac, nº 13, no centro da Capital piauiense. Tendo sua sede mudada de endereço diversas vezes devido à condição alugada dos imóveis. (JUNIOR; MACEDO, 2009 apud SOUSA 2013):

A convenção realizada em Belém do Pará, em 1936, decidiu mandar o pastor José Bezerra Cavalcante atender o trabalho do Senhor no Piauí, ficando Alfredo Carneiro como evangelista. Deste modo, no dia 7 de agosto de 1936 foi fundada a Assembleia de Deus em Teresina – PI. Contava na época com a presença de 28 pessoas. A ata de fundação foi assinada pelo pastor José Bezerra Cavalcante e Leôncio Avelino Morais Sarmento.

Com a finalidade de dar a Igreja Evangélica Assembleia de Deus personalidade jurídica³, ocorre em 1942 à aprovação do primeiro estatuto de caráter administrativo. Em seguida, têm-se outras reformas e estatutos como os de 1957, 1966 e 1993, onde o principal destaque é a decisão de eleição para pastor presidente através do voto secreto e mandato por quatro anos, o que trouxe mudanças estruturais no funcionamento da Igreja, visto que antes os acordos se davam fraternalmente, agora passam por registros cartoriais (NETO, 2012, p.101).

No bairro Aeroporto, zona Norte da Capital, tem-se a primeira congregação organizada, os primeiros frutos da mensagem da pentecostal. A comemoração dos 50 anos em 2006 dessa congregação marca as páginas da história da Assembleia de Deus em Teresina, com uma intensa programação festiva, um hino oficial composto pelos cantores locais, cultos e atividades voltadas aos membros e comunidade em geral.

Atualmente a Igreja conta com os seguintes departamentos⁴: Secretaria de Missões (SEMIT), Escola Bíblia Dominical (EBD), Centro de Assistência Social Evangélico Boas Novas (CASEBON), União de Mocidade da Assembleia de Deus de Teresina (UMADET), União de adolescentes (UNIDA), Círculo de Oração (CO) e

³ Conforme exigência do Código Civil de 1916.

⁴ Disponível em www.assembleiadedeusthe.com.br; acessado em 17 de janeiro de 2018; NETO, Raimundo Leal. *Uma Igreja Edificada: história da Assembleia de Deus em Teresina*. Teresina: Halley, 2012.

União Feminina (UFADET), organizados conforme as faixas etárias, gênero, disponibilidades de membros, necessidades da Igreja e da comunidade local

No que se refere à organização hierárquica de lideranças, a Assembleia de Deus de Teresina está organizada da seguinte forma: Pastor presidente → Pastor auxiliar → Presbítero → Diácono → Evangelista. O Pastor é aquele que dirige a congregação ou um conjunto de congregações, podendo chegar ao exercício da presidência local. Uma vez estando nessa posição, todos os demais pastores e congregações são subordinados a ele, ver-se então uma forte centralização de poder em suas mãos. Vale ressaltar, que se trata de cargos ocupados exclusivamente por homens.

Para o escritor Raimundo Leal Neto (2012, p.112 e 113), a história da Igreja poderá ser dividida em quatro períodos distintos:

- ✓ De 1927 a 1936 – têm-se o momento de “desbravamento de campo”, que se dá desde a chegada de missionários pentecostais a Teresina até a fundação da Igreja.
- ✓ De 1936 a 1961, período de grandes dificuldades devido à oscilação de pastores presidentes.
- ✓ 1961 a 1965, momento em que a Igreja se afirma e expande com o surgimento de várias congregações pela Capital, sob a presidência do Pr. Paulo Belizário Carvalho, por mais de 33 anos.
- ✓ De 1995 a 2012, período representado pela consolidação da Igreja e avanço com novos projetos de organização administrativa.

O caráter expansionista das Assembleias de Deus é motivo de orgulho para seus membros. Para eles o que a difere das demais denominações evangélicas, é a ênfase no “poder do Espírito Santo”, no “poder pentecostal”. Em uma época de carências tecnológicas, o evangelismo pessoal, cultos domésticos e distribuição de literaturas evangélicas contribuíram como mecanismo de expansão da Igreja. Neste contexto, compreendemos que nosso recorte temporal, equivalente a 2000 e 2010, se encaixa no que entendemos como período de consolidação da Igreja em Teresina – Piauí, através dos mecanismos supracitados.

5 GÊNERO E RELIGIÃO: O TEMA NA HISTORIOGRAFIA

Os estudos sobre as mulheres vincularam-se a redefinição da História. A crise dos paradigmas históricos que convergiu na História Cultural pluralizou os sujeitos e objetos de investigação, possibilitando a incorporação da subjetividade feminina e os avanços a consolidação de uma História das Mulheres. A interdisciplinaridade, presente nessa Nova História, pela literatura, linguística, psicanálise e principalmente a Antropologia, traz valiosa contribuição à abordagem do feminino (SOIHET, 1997, p.277).

A principal preocupação era o rompimento com o silêncio historiográfico até então vigente a respeito das mulheres. Em síntese a consolidação da História das Mulheres percorre o seguinte itinerário nos Estados Unidos e França⁵, nas décadas de 1960 a 1990, respectivamente (QUEIROZ, 2006, p.43 e 44):

Natureza política, centrada na relação entre homens e mulheres na profissão e na sociedade, relacionada ao desenvolvimento de diferentes expressões do feminismo. Foge do caráter ideológico a neutralidade do gênero;
Institucionalização da disciplina a partir da categorização da relação entre homens e mulheres através da perspectiva de gênero.

No entanto, a História das Mulheres é permeada de crises em seu interior. A dicotomia entre dominação masculina versus opressão feminina, entre a vítima ou rebelde, submissa ou insubordinada, ou seja, o recorrente uso de antagonismos que ocasionavam conclusões reducionistas em torno da mulher apontava a necessidade de uma mediação analítica das relações entre os sexos o que acabou convergindo na categoria gênero.

Para Joan Scott em *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995, p.75) “o termo gênero, além de ser um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens”. Entretanto, ao tempo que rejeita estudar as mulheres de forma separada, rejeita também as interpretações biológicas que fomentam discursos de dominação masculina e subordinação feminina.

O esboço proposto do processo de construção das relações de gênero pela referida autora pode ser usado pelo historiador para examinar qualquer processo

⁵ A obra *Histórias das Mulheres*, de Georges Duby e Michelle Perrot, simboliza a existência, maturidade e legitimação do campo historiográfico na França.

social. Nesse sentido, a categoria gênero inserida também no estudo da religião, contribui significadamente para o debate historiográfico, como discorre Bidegain (1996, p.28):

A incorporação da categoria gênero, cruzada com as de classe e etnia, não só é útil para a elaboração da história das religiões, é também uma chave essencial para compreensão da história das mulheres nas religiões e suas relações com todas as formas de estruturação de poder.

Na mesma direção de inovações possibilitadas pela Nova História, a História Oral se reinsere as pesquisas historiográficas no decorrer do século XX, somando-se ao advento do gravador de fita na década de 1950 nos Estados Unidos, alargando o campo de pesquisas e fontes para o historiador. A fim de darmos maior legitimidade a nosso trabalho a elegemos também como aporte teórico metodológico por a compreendermos como mecanismo de democracia, pois ao se aproximar de indivíduos e grupos marginalizados até então pela historiografia tradicional possibilita inseri-los no debate e, sobretudo proporcionar-lhes o direito de expressarem o passado vivido.

6 ATUAÇÃO FEMININA NA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS MINISTÉRIO MISSÃO EM TERESINA – PI (2000 a 2010)

Desde sua fundação, em territorial nacional ou piauiense, as mulheres correspondem a mais de 50% do número de membros da Assembleia de Deus (CONDE, 2011, p.37). É uma Igreja marcada por um forte rigorismo doutrinário que lhes imputa uma postura interna e externa, especialmente estética, como a limitação ao uso de joias, pinturas nos cabelos, maquiagem, o uso de saia e blusas sem excessivos decotes, assim como a restrição a cargos eclesiásticos, como o de pastor.

No entanto, nos questionamos o porquê de serem maioria é uma espaço considerado restritivo a sua atuação e própria subjetividade, quais discursos, lugares de gênero e possibilidade de atuação das mulheres. Para não incorrerem em juízos equivocados, nos valeremos de uma possibilidade extremante rica de análise da História, a oralidade, também proporcionada pela História Cultural.

Como procedimento metodológico, a História Oral “terreno das diferentes versões e da subjetividade por excelência”, acrescenta uma dimensão viva da

história ao ponto que permite ao historiador/entrevistador compreender e interpretar o objeto em análise, e realizar um verdadeiro trabalho hermenêutico, assim como compreender o indivíduo como elemento constitutivo da produção histórica, através de suas vivências. (ALBERTI, 2004, p.15). Para tanto, realizamos entrevistas com três mulheres Irandy Melo, Carla Andreia Guimarães e Ana Cristina Oliveira, e o Pastor Antonio de Freitas Melo, todos membros Assembleia de Deus Ministério Missão de Teresina - PI.

Nossa primeira entrevistada foi Irandy Braga Lima Melo⁶, 49 anos, casada com Antônio Freitas Melo, sem filhos, formada em Pedagogia e Teologia e secretária acadêmica de uma faculdade evangélica de Teresina. É professora da Escola Bíblica Dominical (EBD) da classe de mulheres, e membro do Círculo de Oração. Quando indagada se considera a igreja um espaço democrático, ela responde:

Eu acredito. Porque tem espaço pra todo mundo, todas as pessoas tem a sua oportunidade. Não existe essa discriminação... ah, porque é mulher...porque...eu acho a igreja muito democrática em relação a tudo isso e, o trabalho das mulheres é muito aceito. E a criança tem espaço, o adolescente, o jovem. Todos tem espaço. Acho que isso é democrático.

Posicionamento compartilhado pelas outras entrevistadas, Ana Cristina Oliveira (2018) e Carla Andreia Mendes Guimarães (2018)⁷, respectivamente:

Sim. A Igreja é democrática, até pra gente estar em um cargo na Igreja, ele tem que ser aprovado por toda a Igreja. Pastor leva a gente a frente e pergunta: há alguém contra essa irmã de está tomando esse cargo? Se alguém se levantar contra, vai dizer o motivo e então o pastor vai dizer se vai ou não. Isso é democracia (OLIVEIRA,2018). Sim. É bem democrático. A mulher participa de reuniões, pode dá opinião (GUIMARÃES, 2018).

Estes relatos nos levam a compreender que as mulheres assembleianas já não se limitam ao testemunho do Evangelho conforme enfatizado pela Convenção Geral da década de 1930 (VINGREN, 2011, p.180). Envolvem-se em assuntos de interesse geral, ocupam cargos e, trabalham na Igreja. No entanto, é perceptível ainda à diferenciação entre os sexos na Assembleia de Deus, quanto ao *trabalho das mulheres*, ou seja, existem trabalhos exclusivos do feminino e masculino. Como

⁶ Entrevista concedida em agosto de 2016.

⁷ Entrevista concedida em janeiro de 2018.

observamos na fala de Irandy Melo (2016) ao falar sobre o incentivo a atuação das mulheres na Igreja, diz:

Eu acho que sim. Porque tem atividades inclusivas, que são exclusivamente femininas e que os homens já pensam nas mulheres pra assumir. Pelo menos na comunidade que eu convivo, eu não vejo nenhuma dificuldade. Eu acho que existe um incentivo, sim.

Quanto à conscientização masculina de inserção das mulheres na Igreja, Ana Cristina Oliveira (2018), casada, mãe de um menino, professora de Escola Bíblica Dominical, membro mais de vinte anos da Assembleia de Deus em Teresina, discorre:

Olha, os homens da Igreja, eles já sabem que as mulheres se destacam e, os nossos pastores, nossos líderes, tem aproveitado isso de uma forma sábia. Porque eles têm pegado as mulheres e colocadas em lugar de destaque. Tem consagrado missionárias para a obra de Deus e isso já é uma grande valorização que os homens tem feito para com as mulheres.

Já Irandy Melo (2016) pontua que nem sempre foi assim:

Eu acho que entre os homens mais esclarecidos, aqueles que têm um nível de conhecimento melhor, eles tem uma aceitação maior, eles aceitam sem nenhum questionamento, mas já existem também aqueles, que a gente pode chamar, mais ignorantes, que eles acabam achando que mulher tem o seu lugar devido e não seria exatamente liderando nada. [risos]

É perceptível o processo de transformações da identidade feminina, assim como masculina também, no tocante a presença de mulheres em trabalhos na Igreja, a partir de uma educação mais elevada. Mas mesmo as mulheres tendo características ativas quanto à execução de atividades no interior ou fora da Igreja, às falas das entrevistadas ainda revelam a tutela masculina em relação às mulheres, sejam em sua aceitação ou resistência. O pastor continua no papel primordial de liderança, cuja sabedoria coloca ou não essa mulher em lugar de destaque.

Carla Andreia Mendes Guimarães (2018) foi pragmática durante toda a entrevista. Aparentava timidez ao ser questionada, no entanto, nos respondeu com prontidão. É casada, tem 46 anos, três filhos, pedagoga. Contou-nos que sua conversão se deu por causa do marido: “primeiro para acompanhar meu esposo, sempre íamos juntos aos cultos, mas nenhuma responsabilidade com a Igreja. Aí, depois do meu primeiro filho, eu resolvi aceitar Jesus, primeiramente em casa, depois na Assembleia de Deus”.

Ela relata que a principio não achava o ambiente assembleiano solidário com as pessoas de fora, somente com os membros. Visão que mudou após congregarem-se definitivamente. Hoje ela trabalha como tesoureira da Igreja. O que mais nos chamou atenção na fala de Carla Guimarães é sempre a ênfase na ação conjunta do homem e da mulher nas atividades da Igreja.

Quando indagada sobre a importância do trabalho feminino, e a conscientização masculina a respeito, ela responde: “muito. Principalmente pelos pastores. Eles incentivam as mulheres a ocupar seus espaços, ajudar seus maridos [...] O trabalho da mulher é importante para exercer ao lado do homem” (GUIMARÃES, 2018). Para ela a razão para ser membro da Assembleia de Deus se dá pela proximidade com a Igreja Primitiva, fundada pelos Apóstolos bíblicos. E no tocante aos costumes assembleianos que configuram uma das marcas de identidade dessa Igreja, ela acredita serem corretos e se aproximarem mais da Bíblia.

Para Ana Cristina Oliveira (2018), a mulher fazer parte da Igreja já lhe coloca em um lugar privilegiado. Enquanto Carla Guimarães (2018) vê hierarquia entre as próprias mulheres, aquelas que são consagradas a missionárias e esposas de pastores ocupam esse lugar.

Irandy Melo (2016) se vê nessa condição privilegiada visto que é esposa de pastor. Quando a indagamos os pontos positivos e negativos dessa posição, ela nos responde:

É bom e é ruim [risos]. É bom porque, de certa forma você tem oportunidade de fazer até muito mais coisas. Pra algumas mulheres que são atuantes, isso acaba sendo um ponto a mais. Mas tem o outro de que, você acaba sendo mau vista em alguns momentos, se faz pode ser metida, se não faz é preguiçosa ou é um peso pro marido, então, é sempre antagônico. Mas eu acredito que como esposa do pastor, a gente pode ter uma visão melhor das coisas. Você olha de certa forma de cima, vendo os outros grupos e dá pra você ter uma ideia do que fazer, de como organizar. Eu acho que é privilegiado.

E ao ser indagada se gostaria de ser uma pastora, caso a Assembleia de Deus Missão de Teresina ordenasse mulheres ao ofício pastoral, ela prontamente nos respondeu: “não, eu não gostaria de ser pastora. Não me vejo realmente como pastora. Acho que como auxiliar e a mulher do pastor, eu me sinto mais a vontade “. (MELO, 2016)

As demais entrevistadas Ana Cristina Oliveira (2018) e Carla Guimarães (2018) entendiam que a mulher poderia ser pastora, desde que houvesse consenso

com seu marido. Nesse sentido, o marido deveria ser um pastor, visto que a Assembleia de Deus Missão não ordena homens solteiros ao pastorado.

Compreendemos ser um contexto formidável a aplicação do conceito de Tática e Estratégia empregado por Michel de Certeau (2014): a mulher seria a Tática, um individuo comum, com capacidade de se infiltrar em determinado contexto sem ter necessariamente a intenção de dominá-lo, enquanto que o homem seria a Estratégia, o elemento dominante. Mesmo com tal restrição todas foram unânimes ao conceber o espaço na Igreja como oportunidade de crescimento e que não se sentiam discriminadas. Ana Cristina Oliveira (2018) relata:

Não, pelo contrário. Na Igreja foi onde eu me encontrei, porque antes de me converter eu tinha complexo de inferioridade; na sala eu nunca me destaquei, sempre ficava retraída, mas quando cheguei à Igreja foi onde eu fui “me soltar”. Eu vi que não era aquilo que eu pensava ser. Então, eu nunca me senti discriminada na Igreja, pelo contrário, foi lá eu encontrei um caminho para me sobressair.

Na intenção de verificarmos a interação entre homens e mulheres, conforme as contribuições da categoria de gênero convidamos para a entrevista o pastor, Antonio de Freitas Melo⁸. Ele é casado, professor de Teologia e Pedagogia, e pastor a mais de vinte anos na Assembleia de Deus Ministério Missão de Teresina. Quando o indagamos se teve dificuldade para conquistar esse espaço, ele nos responde:

Na verdade, o cargo de pastor, como a gente coloca na Bíblia, é dado, é como tipo maçonaria, não é quem quer que vai ser pastor, mas é quem pode, tem vocação. E aí foi a escolha de um pastor...dois pastores, pastor Paulo Belizário de Carvalho, saudosa memória, pastor Raimundo de Oliveira e mais o meu supervisor, José Wilson Barros. Não tivemos nesse caso dificuldade por conta desses mentores, mas na época do contexto era muito difícil ascender ao cargo pastoral. (MELO, 2016)

Também concordou com as entrevistadas que a Igreja é um espaço democrático para mulheres, embora nem sempre fora assim. Ele ressalta que essa mudança se deu graças ao Cristianismo: “e quero ressaltar que graças ao Senhor Jesus Cristo, o Cristianismo, ele foi o responsável por ascender à mulher dentro do espaço social, dentro da própria igreja, dando a ela o seu devido valor”. (MELO, 2016)

⁸ Entrevista concedida em agosto de 2016.

Conforme Gonçalves (2015, p.75), Maria mãe de Jesus, Isabel, Ana, a viúva de Naim, a pecadora da casa de Simão, Marta e Maria, descritas por Lucas no terceiro Evangelho, são mulheres que trazem em seus relatos históricos uma experiência pessoal de conversão e ativa participação no ministério terreno de Jesus Cristo.

De fato, no Cristianismo primitivo elas tiveram uma participação ativa. Contavam-se mulheres entre os seguidores de Jesus, algumas notadamente exerciam alguma liderança. No entanto, com a proliferação das comunidades cristãs, e principalmente com sua proliferação no interior do Império Romano, aos poucos essa situação relativa de “igualdade” em relação aos homens foi sendo minada (STEGEMANN, 2004 apud MATA, 2010).

Quadro que se alteraria com o advento da Reforma Protestante no século XVI, visto que o livre acesso a Bíblia – *Sola Scriptura* – e do “sacerdócio universal dos crentes”, proposto pelos reformadores promoveu, através de uma rede de escolas, a alfabetização de mulheres e assim trouxe significativas mudanças na vida profissional, familiar e nas relações entre os sexos. (PERROT, 2017, p.86)

No que se refere ao trabalho desenvolvido pelas mulheres, MELO (2016) o considera de suma importância e destaca as diferenças entre homens e mulheres quando trabalhos na igreja e fora dela, enumerando os mesmos adjetivos outrora destacados pelas entrevistadas, como a sensibilidade, criatividade, dinamismo e etc:

As mulheres tem um sensibilidade, vamos dizer assim, de cuidado maior do que os homens. Os homens, eles são, por natureza, posso dizer comigo mesmo [risos], mais brutos no sentido de fazer as coisas, menos perspicazes, mas as mulheres são mais dedicadas, são mais voltadas, aguerridas, até por conta da própria estrutura delas. Elas são mães, são mulheres, são esposas. Desenvolvem tarefas simultâneas, né?!

Como já citamos neste trabalho, a Assembleia de Deus Ministério Missão de Teresina não ordena mulheres ao cargo de pastora, mesmo assim o questionei se caso houvesse tal ordenação, qual seria seu posicionamento e se ele teria dificuldade ao atuar ao lado de mulheres, ele nos declara:

Não, não, não. Eu já trabalho, como eu disse a pouco, eu formo líderes, inclusive até dentro do âmbito feminino, estão comigo mulheres e tudo. A condição do pastorado, se a igreja, ela abrisse isso, a convenção nossa favorecesse a ordenação, não teria dificuldade nenhuma, é mais um espaço galgado, trabalharíamos muito bem nessa empreitada. (MELO, 2016)

Diante das considerações dos entrevistados observamos as semelhanças e distancias entre os posicionamentos, e acreditamos serem resultantes da subjetividade de experiências, local de fala e gênero de cada um. Nesse sentido, os respeitamos. Percebemos também que a própria identidade da mulher é alterada pós-conversão, tanto na esfera publica quanto privada, rompendo com os limites simbólicos cotidianos, como observa Célia Santana Silva (2002, p. 2115)

Mesmo com a ética rigorosa da Assembleia de Deus, seu conservadorismo e autoridade construídos a partir da presença masculina, está havendo uma migração para o domínio de controle da mulher, onde se percebe um descompasso entre a detenção dos cargos de poder por homens, e o trabalho, na parte mais vital da igreja nas funções operacionais, que estão controladas por mulheres, demonstrando certa autonomia feminina”.

A perspectiva dessas entrevistas caminhou na intenção de identificar os espaços reservados ou restritos as mulheres, os discursos sedimentados e os lugares de gênero na Assembleia de Deus Ministério Missão em Teresina. Podemos observar pelo próprio relato das mulheres membros que a atuação feminina se dá nas esferas vitais da Igreja: Escola Bíblia Dominical (EBD), Centro de Assistência Social Evangélico Boas Novas (CASEBON), União de Mocidade da Assembleia de Deus de Teresina (UMADET), União de adolescentes (UNIDA), Tesouraria, Círculo de Oração (CO) e União Feminina (UFADET), estes últimos, exclusivamente ocupados por mulheres. Ficando ainda restritas aos cargos ordenados de pastor, presbíteros e diáconos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos em nosso trabalho como a História Cultural ao questionar o cotidiano possibilitou a ampliação da historiografia e, nesse sentido alçou as mulheres à condição de sujeito e objeto de análise da história, insurgindo em uma História das Mulheres que articulada à categoria gênero nos proporcionou o estudo do campo religioso sob a perspectiva da mulher como centro de análise.

Vimos que embora as mulheres assembleianas ainda não sejam ordenadas a cargos oficiais, como pastor, diácono, presbítero e evangelista, elas exercem atividades significativas e vitais na Igreja, como professoras de Escola Bíblica, tesoureiras, secretarias, líderes de grupos de jovens e adolescentes e, sobretudo

grupos formados exclusivamente por mulheres, como o Círculo de Oração (CO) e a União Feminina de Mulheres (UFADET).

Evidenciamos através desses relatos pessoais que as mulheres assembleianas não se armam de discursos vitimistas, acusando o espaço da Igreja como opressor ou limitador de sua participação. Pelo contrario, sentem-se acolhidas e respeitadas. Não percebemos nenhum “anseio” pelo exercício do pastorado ou qualquer remorso, para elas a igreja é uma espaço de realização pessoal e determinadas questões como a ordenação de mulheres a este cargo são secundárias.

A conclusão que temos diante do que foi investigado e produzido é que a mulher assembleiana, conforme exige a referida igreja ao estabelecer condições doutrinárias, definitivamente não existe. Deparamos-nos como mulheres plurais, mas singulares em sua história pessoal de conversão com a referida denominação. São fundadoras e mantenedoras da Assembleia de Deus, não apenas em Teresina, mas em todo o Brasil, por isso dignas de respeito, consideração e, sobretudo dignas de história.

ABSTRACT

The present article reflects on the singularities of the feminine performance within the Evangelical Church Assembly of God mission ministry, as well as the strategies of foundation, organization and institutionalization of the said Church in the Piauí Capital. We inquire what discourses, gender places and the possibility of women's participation in this church, analyzing their characteristics from the dialogue between confessional authors, cultural history theorists, women's history and religions articulated to the gender category, as well as interviews with women members of this denomination, Irandy Melo, Carla Andreia Guimarães and Ana Cristina Oliveira, and the pastor Antonio Freitas Melo, through the Oral History methodology. It is important to emphasize that we face resistance to interviews, as well as access to internal sources of the church.

Keywords: Women. Assembly of God. Genre.

REFERÊNCIAS

- BERG, D. **Enviado por Deus**. Rio de Janeiro: CPAD , 2011.
- BÍBLIA de Estudo Pentecostal. **Life Publishers**, Deerfield, Flórida - EUA. 1995.
- BURKE, P. **A Revolução Francesa da Historiografia: a Escola dos Annales 1929/1989**. Tradução de Nilo Odália. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- CONDE, E. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, v. 2, 2011.
- COSTA, Valdemar Gomes. **O sacerdócio Feminino na Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério Madureira em Teresina- PI (2000 a 2010)**. Trabalho de Conclusão de Curso, UESPI, 2013.
- GONÇALVES, J. **Lucas o Evangelho de Jesus, O Homem Perfeito**. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.
- HERMANN, J. História das Religiões e Religiosidade. In: VAINFAS, R.; CARDOSO, C. F. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 329-352.
- MATA, S. D. **História e Religião**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- MATOS, M. I. História das Mulheres e Gênero: usos e perspectivas. **Espaço Feminino**. v. 3, n. 1/2, 1997.
- NETO, R. L. **Uma Igreja Edificada: História da Assembleia de Deus em Teresina**. Teresina: Halley, 2012.
- PERROT, M. **Minha História das Mulheres**. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2017.
- PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte - MG: Autêntica, 2004.
- QUEIROZ, Terezinha de Jesus Mesquita. **Do singular ao plural**. Recife: Bagaco, 2006.
- REGO, Lidiane da Silva. **Atuação Feminina na Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério Missão de Teresina - PI (2000-2010)**. Trabalho de Conclusão de Curso, UESPI, 2018.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. v. 15, n. 2, jul/dez 1995.

SOIHET, Raccel. História das Mulheres. In: VAINFAS, R.; CARDOSO, C. F. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 275-295.

VINGREN, I. **Diário de um pioneiro**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

ENTREVISTAS

GUIMARÃES, Carla Andreia Mendes. **Entrevista concedida a Lidiane da Silva Rego**. Teresina, 17 de janeiro de 2018.

MELO, Irandy Braga Lima. **Entrevista concedida a Lidiane da Silva Rego**. Teresina, 14 de agosto de 2016.

MELO, Antônio Freitas. **Entrevista concedida a Lidiane da Silva Rego**. Teresina, 14 de agosto de 2016.

OLIVEIRA, Ana Cristina. **Entrevista concedida a Lidiane da Silva Rego**. Teresina, 17 de janeiro de 2018.